



DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5741>

O VÍRUS E O VERSO: A LITERATURA DE CORDEL COMO MATERIAL DIDÁTICO PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A COVID-19

The virus and the verse: cordel literature as teaching material for the production of knowledge about COVID-19

El virus y el verso: la literatura de cordel como material didáctico para la producción de conocimientos sobre COVID-19

Roberta de Sousa Mélo¹, Rafael De Oliveira Rodrigues²

Resumo: Este trabalho buscou apresentar dados sobre a realização de uma ação extensionista proposta diante da emergência da pandemia de coronavírus. Tal projeto teve como produto final o desenvolvimento de folhetos de cordel em formato de *ebook*, pensados como meio de elaboração e compartilhamento de conteúdos educativos acerca da COVID-19. Fundamentada na perspectiva da *ecologia de saberes*, a ação partiu do reconhecimento das diferentes formas de assimilação, produção e difusão de saberes, bem como a reafirmação de vínculos entre a aprendizagem e a dimensão criativa. Utilizou-se uma metodologia qualitativa, tomando como princípio a realização de oficinas como espaços de negociação e produção de significados. Desse modo, a literatura de cordel foi mobilizada enquanto ferramenta de leitura crítica do mundo, ao mesmo tempo em que incitou os participantes ao reconhecimento de formas de articulação e lugares de criação e produção de sentidos.

Palavras-chave: materiais didáticos; literatura de cordel; pandemia de COVID-19.

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) | Petrolina | PE | Brasil. E-mail: rdesmelo@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1164-9190>

² Universidade Federal de Alagoas (Ufal) | Maceió | AL | Brasil. E-mail: rafael.rodrigues@ics.ufal.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1762-0655>

Abstract: This text aimed at presenting data on the execution of an outreach action proposed due to the emergence of the coronavirus pandemic. This project had, as its final product, the development of electronic (ebook) cordel booklets, thinking of them as a means of creating and sharing educational content about COVID-19. Based mainly on the concept of *ecology of knowledge*, the action grew from the recognition of different means of assimilation, production and diffusion of knowledge, as well as the reaffirmation of the link between learning and the creative dimension. A qualitative methodology was used, having, as a starting point, the offer of workshops as spaces of negotiation and production of meanings. Thus, cordel literature was mobilised as a tool for the critical reading of the world, while encouraging participants to recognise articulation means, creation spaces and the production of meaning.

Keywords: cordel literature; coronavirus pandemic; teaching materials.

Resumen: Este trabajo buscó presentar datos sobre la realización de una acción de extensión propuesta ante el surgimiento de la pandemia de coronavirus. El producto final de este proyecto fue el desarrollo de folletos de cuerdas en formato ebook, diseñados como medio de elaboración, para compartir contenidos educativos sobre el tema del COVID-19. Partiendo de la perspectiva de la *ecología del conocimiento*, la acción partió del reconocimiento de las diferentes formas de asimilación, producción y difusión del conocimiento, así como la reafirmación de los vínculos entre el aprendizaje y la dimensión creativa. Se utilizó una metodología cualitativa, tomando como principio la realización de talleres como espacios de negociación y producción de significados. La literatura de cordel se movilizó como herramienta de lectura crítica del mundo, al mismo tiempo que incentivó a los participantes a reconocer formas de articulación y lugares de producción de significados.

Palabras clave: literatura de cordel; material didáctico; COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar dados sobre o desenvolvimento e os resultados de uma ação extensionista, planejada diante da emergência da pandemia de COVID-19, nomeada como Versos para além dos metros quadrados: oficina de literatura de cordel com o tema da Covid-19. A atividade fez-se, portanto, num momento desafiador aos processos de ensino-aprendizagem, considerando-se o cenário de distanciamento social imposto pela pandemia e as reestruturações que têm sido exigidas quanto às formas de interação e envolvimento com recursos pedagógicos adaptados para aquele contexto.

O trabalho foi desenvolvido a partir da parceria estabelecida entre o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal (LECCORPO), ligado à Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), e a Casa do Cordel Mulheres Cordelistas (Petrolina-PE), esta última um importante centro de referência, produção e difusão da Literatura de Cordel. Como produto final, os(as) participantes foram conduzidos(as) à elaboração de folhetos de cordel, disponibilizados em formato de *ebook*. Para além da intenção de colaborar diretamente com as diretrizes de segurança sanitária fornecidas por especialistas e autoridades, a proposta se fez também como forma de sociabilidade e de interação entre as pessoas envolvidas, algo tão caro em se tratando das políticas de afastamento impostas pelo problema da pandemia.

A Literatura de Cordel é uma expressão marcante do imaginário popular do Nordeste brasileiro, região onde se situa o centro de ensino ao qual o projeto está vinculado. Sua estrutura narrativa é comumente composta por versos rimados e impressos na forma de folhetos ilustrados com xilogravura, pendurados num cordão. A compreensão de sua história passa necessariamente pelo reconhecimento da elaboração e difusão de práticas e saberes da cultura popular – e, portanto, não reduzidos às formas hegemônicas de produção de conhecimento – que trazem como temáticas recorrentes as experiências cotidianas da vida social. Apesar de ser reconhecida como uma referência cultural típica do Nordeste do Brasil, Jahn (2011, p. 10) chama atenção para o fato de que a Literatura de Cordel teve seus primeiros registros em meados do século XVI na Península Ibérica, com o surgimento da imprensa e a popularização dessa forma de arte. Ainda segundo a autora (p. 11), esses folhetos, como são chamados no Brasil, ou folhas volantes, como dizem os portugueses, tratavam de romances cavaleirescos entre reis e rainhas, princesas e cavaleiros, histórias de lutas e de guerras entre mouros e cristãos, histórias de amor e fidelidade, crimes e traições, fomes, enchentes, pestes. As histórias que veiculavam, geralmente em prosa ou verso, eram também conhecidas como histórias de Trancoso, devido aos escritos de Gonçalo Fernandes Trancoso, que havia feito uma série de relatos moralizantes muito populares em Portugal, no início do século XVI.

No que se refere mais especificamente às relações existentes entre a literatura de cordel feita em Portugal e os folhetos de cordel produzidos no Nordeste do Brasil, autores como Abreu (1999) e Jahn (2011) destacam que existe uma grande diferença

entre eles. A literatura de cordel portuguesa, por exemplo, tem um viés mais ligado à escrita. Baseia-se em romances (do romanceiro popular tradicional) e em peças de teatro. Dessa maneira, muito do que se escreveu de cordel em Portugal foi feito em prosa. Já os folhetos nordestinos adquirem novos contornos através de temas locais, como, por exemplo, o Ciclo do Cangaço, expressão marcante do imaginário popular da região (Jahn, 2011, p. 13). Ainda quanto às particularidades do cordel produzido neste cenário, Abreu (1999) observa que é provável que os folhetos nordestinos tenham ganhado notoriedade e se estabelecido como expressão cultural muito mais por meio das cantorias e pelejas orais do que pela questão da literatura e da escrita.

O cordel tem se difundido, ao longo dos anos, para outras regiões do Brasil, sobretudo devido ao intenso processo migratório das populações nordestinas para os centros urbanos brasileiros. Ele tem circulado, com maior intensidade, entre os estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo uma expressão cultural que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos no cotidiano, ou criados em sua imaginação.

É importante destacar, assim como Cavignac (2006), o fato de que o cordel é resultado da junção entre as tradições orais e escritas presentes na formação da sociedade brasileira, a partir da relação entre elementos da cultura indígena, africana, árabe e portuguesa, tornando-se um fenômeno ligado às narrativas orais, à poesia (cantada e declamada) e à poesia dos romances escritos em prosa, trazidos pelos colonizadores portugueses.

Segundo as fontes do IPHAN (2018), ainda, o cordel se inseriu na cultura brasileira em fins do século XIX, enquanto variação escrita da poesia musicada por duplas de cantadores de viola de improviso, conhecida como *repente*. A partir de então, essa expressão foi sendo associada cada vez mais a um conjunto de edições de baixo custo, com adaptações de textos provenientes das mais diversas fontes (obras até então manuscritas, narrativas orais, peças de teatro) destinadas a um número cada vez maior de leitores pouco familiarizados com a escrita. Por esse motivo, diversos procedimentos editoriais foram introduzidos, a fim de viabilizar a disseminação e a leitura dos folhetos: diminuição do tamanho da obra por meio do emprego de textos curtos, uso de papel de baixa qualidade e redução dos custos de produção.

Diante da sua importância como referência cultural, a literatura de cordel teve seu processo de registro como patrimônio nacional brasileiro iniciado no ano de 2010, por meio de um requerimento da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), posteriormente encaminhado ao Centro de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e, em seguida, para o IPHAN, sendo reconhecido como patrimônio imaterial brasileiro no ano de 2018 (IPHAN 2018).

A partir dessa importante referência cultural local, trazemos aqui a proposta de se refletir sobre a problemática de uma paisagem social mais ampla, tomada em proporções mais globalizantes: a pandemia de COVID-19.

Entende-se, por um lado, que o “evento viral e indeterminístico” do novo coronavírus provocou “uma profunda descentração na humanidade sobre seus modos de consumo, produção e relação com o ambiente” (Pinheiro; Mélo, 2020, p. 2). Na mesma medida, a experiência comum deste cenário e as formas de vida humana e ecossistêmica a ele enredadas não deixam de apontar para a particularidade de tensões e assimetrias e, portanto, para os aspectos políticos e culturais evidenciados nas condições de enfrentamento da pandemia. Assim, aliada às produções discursivas das fontes oficiais, e também ao saber constituído a partir das experiências vividas por cada participante, a linguagem do cordel situou-se como instrumento reflexivo do evento viral e seus efeitos de acordo com os lugares, espaços e percursos das pessoas envolvidas.

O projeto foi pensado, em síntese, enquanto meio de produção e de compartilhamento de conteúdos educativos acerca do tema em questão, e, também, como recurso criativo para as elaborações e expressões das vivências próprias dos participantes da oficina. Nesse sentido, vislumbrou-se a possibilidade de se promover, entre estes, o acesso a diferentes formas de assimilação, produção e difusão de saberes, bem como a reafirmação de vínculos entre a aprendizagem e a dimensão criativa. Do mesmo modo, perspectivou-se o fortalecimento do diálogo entre a universidade e a sociedade, as produções acadêmicas e os saberes que compõem o imaginário popular. A isso soma-se a possibilidade de notabilizar diferentes saberes, habilidades e pedagogias, o que também se faz relevante ao considerarmos a rigidez que marca a produção normativa do conhecimento e as uniformizações curriculares.

Estudos voltados para a compreensão da dimensão educativa dos folhetos de cordel, como o de Araújo (2007), destacam a poeticidade que lhes é peculiar, considerando, além disso, sua “ludicidade e musicalidade, conseguidas pelo jogo sonoro das rimas”, com uma linguagem contemporânea marcada pela vivência cotidiana que o público compreende, “quando a ela tem acesso” (p. 44). Nessa mesma direção, a autora se lança ao desafio de ir além da percepção do folheto como um objeto estético e artefato cultural, ampliando seu reconhecimento enquanto “conteúdo importante na aprendizagem escolar” (p. 79).

Veremos, então, como essas questões foram tematizadas nas elaborações e posicionamentos dos(as) participantes ao longo da oficina, e também nas produções textuais pelas quais buscaram traduzir suas releituras do mundo em meio às condições de vida durante a pandemia de COVID-19.

2 LITERATURA DE CORDEL EM POSSÍVEIS INTERTEXTUALIDADES

Pelo reconhecimento da literatura de cordel enquanto um recurso para a valorização das diferentes formas de saber, recorreremos a referências teóricas igualmente interessadas em vislumbrar as articulações entre os múltiplos tipos de conhecimento e habilidades, pensando-as em suas mutualidades. Partimos, assim, de uma perspectiva dialógica, inspirada no sentido da “Ecologia de Saberes” apresentada

por Santos (2007). Tal referência nos estimula a compreender os engajamentos possibilitados pela prática pedagógica adotada, sobretudo em se tratando dos diálogos entre os fazeres e as experiências de vida dos(as) participantes, mesmo em suas tensões e conflitos.

Conforme já sugerido, a abordagem da pandemia aciona e envolve diferentes interpretações e caminhos de análise. Logo, incita-nos a pensar nesses distintos saberes em suas intertextualidades, e como se entrelaçam e confluem na contribuição ao tema apresentado.

A ecologia dos saberes apresenta-se como inspiração teórica ao desvelar o pensamento moderno ocidental e os modos como este estruturou – e segue estruturando – a compreensão do mundo e, portanto, as representações do campo da realidade. Por tal leitura, é possível refletir sobre a fabricação da hegemonia ocidental, expressa, sobretudo, nas ações colonizadoras. Por consequência, também o Ocidente assumiu, ao longo de uma trajetória histórica autocentrada, o controle da distribuição de recursos materiais, sociais, políticos, simbólicos, culturais, invisibilizando e mesmo eliminando modos de existência tidos como excedentes de sua matriz de referência.

De uma “cartografia moderna dual”, pela qual se estabeleceu, política e materialmente, a subalternidade do Sul ao Norte global, resultou também uma delimitação das fronteiras do conhecimento realizada no decorrer dos últimos cinco séculos, interpretada por Santos (2007, p. 91) como um “epistemicídio” implicado no desperdício de uma “imensa riqueza de experiências cognitivas”. Por essa tradição canônica de representação do mundo, foram destituídos de valor e de sentido as formas de conhecimento populares, camponesas e indígenas, por exemplo. Em relação a esse último aspecto, vale destacar sua relevância para o entendimento dos mecanismos de enaltecimento e de obliteração das variadas formas de expressão nos arranjos culturais, e, no nosso caso mais específico, da literatura de cordel, “seus processos criativos, circulação e consumo” (Nogueira, 2019, p. 267).

A essa visão homogeneizante, fundamentada numa monocultura do saber, sobretudo da ciência enquanto instrumento legitimador do conhecimento que se tem da realidade, Santos (2007, p. 87) apresenta a proposta da “Ecologia de saberes”, de um pensamento “pós-abissal” que tem por premissa “a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo”, e que pleiteia o reconhecimento de perspectivas epistemológicas historicamente anuladas, situadas como periféricas na cartografia colonialista. Cabe lembrar, diante disso, da relação íntima entre colonialismo e capitalismo.

Disso deriva, portanto, o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, sendo a própria ciência um deles. Mas, longe de situar as formas de conhecimento em estruturas hierarquizantes, o autor defende a possibilidade de pensá-los em “interações sustentáveis”, a partir da concepção de que “o conhecimento é interconhecimento” (Santos, 2007, p. 85), num esforço de resguardar a autonomia de cada saber, bem como reconhecer seus limites internos e externos. Assim, “em vez de subscrever uma hierarquia única, universal e abstrata entre os saberes”, tal ecologia

estabelece hierarquias “pontuais”, situacionais, “em conformidade com o contexto, à luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber” (Santos, 2007, p. 90).

Importa ressaltar, ainda, a compreensão dos conhecimentos enquanto práticas, destacando-se nesse sentido, a sua dimensão dinâmica, ativa, entendimento este que também orientou a elaboração de nossa proposta. Nas palavras do autor, “todos os conhecimentos igualmente sustentam práticas e constituem sujeitos” (Santos, 2007, p. 89). O caráter pragmático que marca essa abordagem se expressa muito notadamente na sua afirmação de que as práticas de conhecimento “possibilitam ou impedem certas intervenções no mundo real” (Santos, 2007, p. 89). Logo, se fazem no plano das interações cotidianas, nas mutualidades e reciprocidades próprias da vida social, expressando o interconhecimento como intersubjetividade, e vice-versa. Com isso, o autor defende sua ecologia de saberes enquanto paisagem de “complexas e criativas combinações entre indivíduos e grupos sociais” (Santos, 2007, p. 93).

Ao propormos situar a experiência social da pandemia conjugada com os processos educativos implicados na produção textual do cordel, reconhecemos, de antemão, o desafio de se conduzir o diálogo entre as diferentes referências de saberes, considerando as complexidades explicitadas no referencial teórico adotado.

Por um lado, levamos em conta os entraves e dificuldades para os processos produtivos e o reconhecimento de recursos expressivos da cultura popular como a literatura de cordel, o que, em alguma medida, reflete os efeitos das dinâmicas históricas já apresentadas por Santos (2007). A esse respeito, Nogueira (2019), ao tratar de singularidades do processo de patrimonialização da literatura de cordel, resgata o debate sobre os usos da cultura popular no âmbito das políticas culturais e demonstra como ele esteve situado num campo demarcado como periférico em relação a saberes hegemônicos. É por esse caminho que o autor apresenta as disputas e embates travados para o reconhecimento do cordel como uma referência representativa da cultura popular brasileira, incentivando estudos sobre a cultura e literatura nordestina (Nogueira, 2019).

Por outro lado, ao pensarmos o cordel enquanto recurso adaptado à sala de aula e, portanto, no campo específico da educação – campo este que, por si só, já se traduz nas formas de exclusão, assimetrias e silenciamentos históricos –, deparamo-nos nitidamente com as reverberações de processos pontuados pela perspectiva pós-abissal, ao que Santos (2007) responde situando o pensamento pluralista enquanto crítica propositiva.

Entendemos que a pandemia veio agravar antigos problemas na distribuição dos mais variados recursos, com desníveis de intensidade nos diferentes contextos de vida. A atividade proposta foi projetada, então, como possível espaço de responsividade ao cenário da pandemia e, também, como meio de compreensão das permanências e rupturas de formas de vida reveladas no cotidiano dos diversos sujeitos envolvidos.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

As oficinas ocorreram por meio da plataforma digital *Google Meet*, com o uso de diversos recursos para a interação entre os(as) participantes das reuniões (videoconferência, *chat*, compartilhamento de arquivos, dentre outros). Foram disponibilizadas, ao todo, 40 vagas distribuídas em duas turmas. As atividades da oficina do primeiro grupo ocorreram no período de julho a agosto de 2020, enquanto as do segundo se deram no período entre agosto e setembro do mesmo ano. Os encontros eram semanais, sendo realizados 13 encontros, com carga horária de quatro horas por encontro. Ao todo os encontros da oficina totalizaram uma carga de 52 horas.

A realização da proposta foi guiada por uma metodologia qualitativa de caráter participativo e etnográfico, tomando como princípio a realização de oficinas como espaços de negociação e de produção de significados. Nessa direção, foram utilizados instrumentos como diários de campo para o registro das impressões dos(as) pesquisadores ao longo dos encontros. Tais anotações foram priorizadas como conteúdos de análise, juntamente com os comentários elaborados pelos(as) participantes durante as sessões. A equipe organizadora também estimulou a participação em outras instâncias de interação para comunicações referentes à realização das oficinas, como foi o caso de grupos em aplicativos de trocas de mensagens, onde eram tiradas as dúvidas dos participantes, ao mesmo tempo em que a equipe articuladora da ação de extensão aplicava roteiros de entrevistas estruturadas sobre os impactos da COVID-19 nas vidas dos participantes e sobre as expectativas em torno da oficina de produção do livreto de cordel no formato *ebook*.

Vejamos, então, os principais procedimentos adotados para o planejamento e a realização das atividades. Em primeiro lugar, realizou-se a divulgação da oficina nos meios digitais disponíveis (*e-mail*, redes sociais, dentre outros). O intuito foi de que o convite pudesse chegar a um público diversificado. Os grupos de participantes foram formados por pessoas das diferentes regiões do país: Pernambuco, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Distrito Federal, Goiás. Apresentavam, ainda, uma marcante variação em relação à faixa etária, de pessoas entre 25 e 60 anos, e, também, quanto à área de formação. As turmas foram predominantemente compostas por professores do ensino fundamental da rede pública de ensino, sobretudo da área de Língua Portuguesa. Contudo, também se incluíam artistas, poetas, músicos e estudantes dos cursos de pedagogia, de jornalismo, de psicologia e de medicina, principalmente de universidades públicas.

Analisando o perfil por gênero, verificou-se uma maior presença de mulheres: no caso da primeira turma, correspondiam a 86% dos participantes, ao passo que, na segunda, 97% eram do sexo feminino. Curiosamente, esse dado contraria a própria trajetória de produção do cordel, historicamente marcada pela discrepância do volume de obras assinadas por homens e mulheres, trazendo, assim, reflexos de valores patriarcais que por muito tempo inibiram, sob diversos artifícios, a expressividade e a

identificação dessas últimas com o trabalho intelectual.

Acreditamos ser pertinente mencionar, ainda, a relativa rapidez com que as vagas foram preenchidas, o que, de certo modo, nos antecipou a percepção do significativo interesse despertado pelo cordel. Além disso, vimos como fator facilitador a circulação intensificada dos conteúdos de mídias digitais no período de distanciamento social. Diversos motivos justificavam sua procura pelo curso, como foi possível observarmos nos relatos dos participantes: a solidão acarretada pela pandemia, a curiosidade em conhecer um novo gênero literário ou a intenção de investir na formação pessoal.

Essas motivações foram explicitadas no momento da inscrição, quando do preenchimento de um formulário em que se solicitavam as informações mais básicas do perfil dos(as) participantes. Ademais, foi reservado um momento da sessão inaugural para a apresentação dos(as) participantes, ocasião em que discorreram mais detalhadamente sobre suas expectativas em relação à oficina. Esse primeiro encontro confirmou o entusiasmo que percebemos no dinamismo das inscrições: de fato, havia uma espécie de “fascínio” em suas falas sobre a literatura de cordel, seja nas narrativas de quem já o conhecia e vislumbrava um “reencontro” com o mesmo, seja nas daqueles(as) cujo ânimo foi justificado pelo simples contato inicial com essa forma de expressão.

O momento inicial de cada encontro foi conduzido pelos coordenadores da ação extensionista, para a abordagem do tema da COVID-19, com o compartilhamento de notícias (sobretudo, dados atualizados da pandemia e das estratégias de enfrentamento). Neste momento, os participantes eram estimulados(as) a reflexões sobre os diversos desdobramentos do problema na vida social. Em seguida, a ministrante da oficina de cordel (representante da Casa do Cordel Mulheres Cordelistas) dava início à apresentação dos conteúdos, direcionando os componentes teóricos e práticos. O momento final de cada encontro era destinado às considerações dos(as) participantes, de modo que pudessem trazer suas questões próprias, o que também compôs o corpo de informações deste trabalho.

Como dito anteriormente, os(as) participantes foram convidados(as) também a integrar um grupo criado por meio de um aplicativo de troca de mensagens, mediado por membros da equipe organizadora, sobretudo pelo discente bolsista do projeto. Nesse sentido, os(as) participantes se pronunciavam expondo suas dúvidas quanto aos aspectos técnicos e práticos das atividades, mas, também, fazendo desses ambientes uma espécie de extensão das aulas, colaborando com informações sobre a temática ou mesmo tecendo comentários que não puderam ser aprofundados nos encontros, devido ao seu tempo de duração. Ainda neste espaço, a ministrante da oficina se disponibilizava a responder possíveis dúvidas e questões levantadas pelos(as) alunos(as) a respeito dos materiais trabalhados e, do mesmo modo, fornecia diretrizes para o desenvolvimento dos folhetos. As interações, portanto, não se limitavam ao momento das sessões. Ao longo das oficinas, os(as) participantes seguiam se atualizando quanto às estatísticas relativas à pandemia e, também, quanto às novas

diretrizes encaminhadas por fontes oficiais sobre os cuidados e impactos da COVID-19 em esfera local e global.

É importante destacar que, uma vez que o cordel é uma referência da cultura sertaneja, ele é marcado por uma sequência rítmica baseada em dialetos tradicionais, sendo necessário certo cuidado com o encaixe das sílabas das palavras na sua métrica. Nesse sentido, a ministrante concentrou seus esforços em acompanhar os participantes das oficinas para que eles conseguissem trazer os temas ligados à pandemia, respeitando a estrutura básica dos versos, as rimas e a métrica do cordel.

Como desfecho das oficinas, os(as) participantes iniciaram o processo de feitura dos seus folhetos de cordel, trazendo os aprendizados compartilhados por meio das informações referentes aos cuidados com a doença, assim como as informações técnicas da elaboração do cordel.

Após o processo de produção pelos(as) participantes, a ministrante da oficina, representante da Casa de Mulheres Cordelistas, realizou um primeiro tratamento dos folhetos individuais e, na sequência, a compilação do material, já no formato preliminar do livro *ebook*. O material foi encaminhado para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal (LECCORPO), para a revisão final de gramática e ortografia. Cumpridas essas etapas, passou-se ao planejamento da apresentação do livreto de cordel, intitulado *Versos para além dos metros quadrados* (Castro *et al.*, 2020), produto final da oficina.

O livreto em formato *ebook* foi divulgado por meio da página oficial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e, também, das mídias digitais das duas instituições promotoras da ação de extensão. O lançamento da obra ocorreu numa cerimônia virtual, em que os(as) autores puderam declamar suas obras. O evento foi pensado para o compartilhamento das experiências dos envolvidos no projeto (docentes e bolsista do projeto, participantes da oficina, representante da Casa do Cordel Mulheres Cordelistas), ocasião em que explicitaram suas percepções acerca do trabalho desenvolvido. Cabe dizer que o *ebook* teve uma repercussão positiva entre o público externo, considerando os convites recebidos pela equipe organizadora para participar de atividades relacionadas à temática do projeto, como rodas de conversa, além de entrevistas concedidas a telejornais locais e da cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, para divulgação da proposta e de seus produtos finais.

4 ENTRE TELAS, RIMAS E MÉTRICAS: OS ENCONTROS PARA A PRODUÇÃO DO LIVRETO

Apresentaremos, a seguir, aspectos que se destacam ao rememorarmos os encontros realizados para o desenvolvimento da oficina. Traremos trechos breves dos relatos dos(as) participantes ao longo das aulas e, também, aqueles compartilhados no grupo criado por meio do aplicativo de troca de mensagens, a que já nos referimos. Optamos, aqui, pela utilização de pseudônimos, a fim de evitar a identificação dos(as) participantes.

4.1 Imaginários do cordel: memórias, afetos e sensibilidades

Chamam-nos a atenção, de início, as narrativas em torno dos vínculos afetivos dos(as) participantes com a literatura de cordel. Já nas dinâmicas de apresentação, quando tinham a oportunidade de abordar as formas de contato com os folhetos de cordel ao longo de sua vida, alguns referenciavam, a partir de memórias de sua infância, figuras significativas para o seu interesse por esse meio de expressão. Nesses relatos, era comum a menção afetuosa a pessoas por meio das quais tiveram acesso não necessariamente ao cordel em si, mas a algo que, a seu ver, traduzia uma habilidade que eles também associavam aos cordelistas: a capacidade de atrair a atenção do(a) ouvinte ao elaborar e compartilhar histórias traduzidas numa linguagem acessível, não constricta às formas dominantes de produção e difusão do conhecimento. A esse respeito, uma das participantes discorre:

Estava me recordando, agora, que quando criança eu tinha um tio que não era alfabetizado, e ele sempre nos contava histórias com repentes, histórias de Lampião [...]. Minha família é de Minas Gerais, e como todo povo do norte e nordeste, eles têm grande admiração por Lampião. Eu achava interessante o meu tio não saber ler e saber tantas histórias. Ele dizia que “mais valia a memória que honrava a história, do que a escrita que não era lida” (Participante Renata).

Ao passo que reconheciam a espontaneidade e autenticidade desses saberes, os modos de “resistência” e valorização da história e preservação da memória, os(as) participantes imediatamente se preocupavam em identificar as dinâmicas pelas quais, em suas próprias trajetórias, viram-se “desencontrar-se” do maravilhamento exercido por essas escutas do outro: algumas narrativas consideraram o enrijecimento dos conteúdos trabalhados em âmbitos formais, como a escola e a universidade, atribuindo-lhe uma ruptura com o tom de “encantamento” despertado nas experiências como a narrada acima. Para além disso, o depoimento de Renata (que atua como professora do ensino fundamental) reserva à tradição oral a marca da potência de um saber, ainda que este não esteja totalmente alinhado com os pressupostos de uma “cultura letrada”, como no caso de seu tio.

Embora reconhecendo a linguagem escrita também como característica do cordel, a interlocutora pontua, sempre que possível, os traços da oralidade e da sonoridade como dimensões que potencializam o interesse pelos conteúdos produzidos. Pelas memórias reorganizadas da infância, ela destaca a importância da aliança entre os registros escritos, o fazer-se ouvir e o escutar, animada pelo favorecimento da literatura do cordel para essa conjugação, ao mesmo tempo em que diz estar repensando os formatos das próprias aulas, na expectativa de fazer da sala de aula um espaço de reflexão crítica quanto ao que é dito e oralizado pelos diferentes recursos e agentes. Desse modo, as memórias, a dimensão do sensível, das sensorialidades e da afetividade integram-se como elementos importantes em seus

questionamentos dos componentes curriculares pouco convidativos aos processos criativos.

Também caracterizando o “encantamento” dos versos como algo fundamental em meio à instrumentalização da rotina, Lorena lê sua participação na atividade da oficina enquanto produção de um campo de elaborações possíveis ante os ritmos do campo do trabalho, da vida doméstica, da “intimidade do confinamento” (Pinheiro; Mélo, 2020), apegando-se ao que identifica como recurso para uma perspectivação criativa. Quando a força da lógica não mais dá conta do insólito, e a gramática da racionalização do cotidiano não mais lhe fornece seguranças, a participante aposta em novos saberes próprios que permitam elaborar o vivido em meio às incertezas. Diz querer aprender a escrever de um “jeito outro”, deixar-se criar por novas linguagens a partir do encontro com as experiências de vida dos outros participantes. Há, assim, a disposição a uma dinâmica que reconheça “intersubjetividade como interconhecimento, e vice-versa” (Santos, 2007, p. 89).

Logo, ao registrarem afetivamente suas primeiras aproximações com as possibilidades de expressão a que associam a literatura de cordel, alguns participantes identificam a oportunidade de problematizar as estruturas curriculares oficiais, sobretudo pela sua pouca articulação com a heterogeneidade de saberes e modos de existência e, conseqüentemente, pelas suas implicações com a “desvalorização de patrimônios como o cordel” (Participante Rute). Por esse caminho, à medida que pontuavam a literatura de cordel como forma de apreensão do mundo, algumas dessas pessoas evidenciavam suas críticas às perspectivas colonizadoras de que fala Santos (2007) e seus efeitos na realidade cotidiana.

Ao lermos as problemáticas apontadas pelos(as) participantes a partir da noção de “epistemicídio”, também pontuada por Santos (2007), identificamos outra tendência em suas explicações acerca do interesse pela oficina: muitos(as) enfatizaram, a esse propósito, seu desejo e entusiasmo em colaborar para o que entendiam como “retomada” e reconhecimento dos saberes populares, bem como seus novos posicionamentos, ou mesmo inserção, nas matrizes curriculares de escolas e universidades, ambiências fundamentadas na “tradição canônica das monoculturas do saber” (p. 92):

Eu moro no sudeste do país, e quando fiz o curso de letras, os professores não davam a mínima importância e valor à literatura de cordel para passar para os estudantes. O que se costuma estudar nessas universidades de “elite” precursoras de saber? Aqui só querem estudar os cânones consagrados pela Academia Brasileira de Letras (Participante Isabela).

De tal modo, ao engajar-se nos debates que fundamentaram a realização da oficina, a participante retoma sua própria trajetória para problematizar antigos processos vislumbrados no campo educativo, subsumindo a esta reflexão as assimetrias regionais que acompanham a trajetória histórica da sociedade brasileira. Segundo a interlocutora, o debate sobre a desproporcionalidade de investimentos no

âmbito da educação, quando posto em diálogo com o aspecto da regionalidade, aponta para a suplantação da questão dos recursos econômicos, ou seja, “não se trata apenas de uma região que recebe menos investimentos” (participante Isabela).

Mais que isso, os universos apontados pela participante, orientados, ao que parece, por uma lógica semelhante ao que Santos (2007) denomina de “monocultura do saber”, legitimam uma destituição que se faz em termos culturais e simbólicos, enquanto processo que exclui determinadas memórias, histórias e modos de existência. Num movimento que se pretende transgressor da hostilidade cognitiva que ela vê operar nesses espaços em relação a outras formas de saber, Isabela afirma a sua intenção de contribuir para uma “revalorização” da cultura do cordel:

Eu quero estudar o que está oculto, deixado no passado. O que deu base para a literatura que hoje é consagrada e cultuada. O cordel é um exemplo que temos. O mesmo eu digo em relação aos estudos sobre as matrizes africanas, o folclore. [...]. Hoje eu vejo que a literatura de cordel, ela pode estar em extinção. Acredito que as universidades e faculdades deveriam lançar mais cursos de especialização, mais incentivos a estudos voltados para o cordel. É necessário com urgência propagar isso. No Sul e Sudeste, por exemplo, não se ouve falar nos cursos, nas formações sobre ele (Participante Isabela).

Ao aproximar os saberes particulares que mobilizam a história da literatura de cordel, a participante se refere, também, a outros conhecimentos excluídos pelos modelos dominantes de experiências cognitivas, o que nos leva a reflexões sobre como as “epistemologias abissais” (Santos, 2007) se reproduzem, também, em níveis mais locais. Por esse caminho, pode-se pensar as tradições canônicas a que a participante se refere a partir do que elas produzem como “não-existência”, ou enquanto manifestação do exposto por Santos (2007) na formulação de sua “sociologia das ausências”: uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe.

Nos enredamentos realizados a partir de depoimentos como esses, também foram marcantes as narrativas de participantes que se apresentaram como artistas. Nessas ocasiões, um deles apontou semelhanças entre a desvalorização da literatura de cordel e o desinvestimento de interesse na arte em geral. Desse modo, a partir da fala da colega, outro interlocutor refletiu sobre as dificuldades que marcam o seu ofício. Como matriz comum desses processos, situa o desprestígio de formas de expressão e de percepção do mundo “que não atendam à lógica capitalista” (Participante Rodolfo). Por esse caminho, o participante acentuou o caráter mercadológico que circunda os processos produtivos e, com isso, traz a discussão para a realidade mais concreta dos autores neles envolvidos. Nesse sentido, acrescentou ao debate epistemológico levantado pelo colega os efeitos da perspectiva abissal na realidade prática: “É muito difícil viver de arte e de poesia, se reconhecer como artista num país que não valoriza nada disso” (Participante Rodolfo).

Também na perspectiva de aplicar os saberes adquiridos por meio da oficina às suas experiências cotidianas, Isabela faz planos:

A escola em que leciono fica em uma comunidade que tem muitas pessoas vindas do Norte e Nordeste. Eu acredito que fazendo oficinas de cordel, a partir do que estou aprendendo nessa formação, poderei aplicar entre os alunos, convidar as famílias para as apresentações, e eles se sentirão acolhidos e orgulhosos da cultura de seus estados de origem. Eles mesmos podem contribuir muito para essas oficinas; eles conhecem, na prática, o que pra mim e demais professores aqui de São Paulo foi nos passado só na teoria (Participante Isabela).

A narrativa acima expressa, a um só tempo, a intencionalidade de integrar os referidos agentes em práticas que incluam o que a participante toma como os saberes próprios desses sujeitos, como que num processo de “valorização de suas origens” e, por consequência, de sua “identidade cultural”. Por outro lado, não deixa de chamar atenção a aposta da interlocutora no interesse deles, na identificação destes últimos com os aspectos culturais que a mesma vincula ao cordel, bem como num suposto saber prévio dos sujeitos acerca da temática, e que ela mesma tomou como inerente às suas trajetórias. De todo modo, há, em sua fala, uma preocupação e um empenho para a construção coletiva de conhecimentos mobilizadores de sentido, que sejam capazes de contemplar as experiências daquelas pessoas.

É importante mencionar, contudo, que outras narrativas expuseram vivências diferentes quanto ao acesso à literatura de cordel, sobretudo enquanto componente curricular de sua formação, como é o caso da participante Anastácia:

Sou professora de português e literatura. Meu primeiro contato com o cordel foi na faculdade de letras. Na época, houve um recital de cordel. Fiquei apaixonada pelo ritmo, pela musicalidade, pelas infinitudes de temas que podem ser poetizados (participante Anastácia).

Pelo entusiasmo de integrar os conteúdos didáticos às formas de expressão caracterizadas pela poeticidade e “musicalidade”, reconhecendo, assim, o lugar das sensibilidades na experiência pedagógica que ela rememora, Anastácia parece também descentrar uma tradução do saber orientada exclusivamente pela perspectiva cartesiana. As discussões iniciais se encaminhavam, nesses termos, não somente à reativação das memórias afetivas, mas também aos projetos e perspectivas a partir das sensibilidades despertadas em seu engajamento com a literatura de cordel.

Nessa mesma direção, um campo de ação, ainda que minimamente antevisto, também aparece nitidamente nos planos de Talita: “Quando esse isolamento social terminar, e as aulas presenciais retomarem, farei uma oficina de cordel na minha escola. Tenho muita vontade, vou me empenhar, estudar para tentar fazer isso”. O desejo da replicabilidade dos conteúdos assimilado pelo vivido por meio da oficina figura, então, como uma tessitura de horizontes que ela deseja compartilhar com os(as) alunos(as), recriando, por meio do trabalho imaginativo e afetivo do cordel, seus processos

dialógicos. A intenção de futuramente materializar este contato com a literatura de cordel em diálogo com as condições da própria realidade não deixa de falar de uma construção ativa, do reconhecimento de si na transitoriedade e na travessia em que se encontra.

Curiosamente, a força acional e perspectivante sugerida por esses relatos em relação ao futuro aparece em concomitância com narrativas em torno do presente, do tempo em que se elabora a experiência da pandemia. A esse respeito, a ênfase no sensível e no plano das afetividades readquire centralidade ao narrarem seus modos de enfrentamento da pandemia e seus “fardos”. Dado o aborrecimento da situação de confinamento e o ciclo repetitivo que associam à sua temporalidade, alguns participantes referiram-se à participação na oficina como um recurso importante para se recuperar algum sentido de poesia possível, recorrendo ao cordel como uma “fresta” entre o tempo passado e um presente ainda muito confuso. Tais narrativas também vinham acompanhadas por um tom de desabafo quanto à exaustão acarretada pela rotina do distanciamento social, sobretudo em se tratando das atividades profissionais e domésticas que se acumulavam no território do confinamento, conforme explicitado no tópico a seguir.

4.2 Pandemia, educação e ritmos de vida: pervasividades entre o antigo e o novo

É preciso destacar que o período da realização das oficinas foi também o da coexistência de uma série de indefinições que afetavam a vida prática dos participantes. Sobretudo, porque as disputas de narrativas de especialistas e autoridades políticas nacionais demonstraram, desde o estabelecimento da situação de pandemia no Brasil, que as orientações para se gerir a crise pandêmica ocorreu em meio a impasses de ordem ideológica, política e moral (Pinheiro; Mélo, 2020).

Tais desarticulações expressaram um desamparo institucional que, por sua vez, acometeu a rotina dos agentes sociais em seus diversos âmbitos. Como exemplo, podemos citar as falas sobre as crises de ansiedade relacionadas ao medo de contaminação, agravado pela ausência de um consenso político para o estabelecimento de práticas mais rigorosas de distanciamento social, ou mesmo a falta de perspectiva em relação à vacina, continuamente desacreditada pelas declarações de autoridades políticas nas mídias naquele momento. Somado a isso, de acordo com alguns participantes da oficina, as discussões acaloradas entre os seus gestores para se decidir sobre a retomada de atividades profissionais se davam em meio a cobranças intensificadas sobre o rendimento do trabalho remoto.

Não foram raros os relatos de professores da rede pública de ensino acerca do agravamento de problemas prévios à irrupção da pandemia, sobretudo daqueles referentes à permanência dos alunos na cultura escolar. Nesses momentos, os diálogos propiciados pela oficina se viam permeados pelo tema das dinâmicas subjetivo-institucionais e seu desfavorecimento para os vínculos mais consistentes com os

estudantes, principalmente devido à precariedade dos recursos de alguns destes últimos para inserir-se nos mecanismos do ensino remoto.

De tal modo, os encontros para a elaboração do cordel levantavam reflexões críticas sobre a realidade do mundo, dos ritmos de uma vida que na ocasião lhes pareciam fornecer garantias ínfimas. Diante do colapso sanitário que descentrou o modelo de racionalização da vida, problematizando, da mesma forma, a ideia da autonomia de cada indivíduo para uma organização reflexiva da própria biografia (Giddens, 2002, p. 20), modelo subjetivo este em que nitidamente se identificam heranças do sujeito do conhecimento moderno, o “fazer poético” reconhecido na literatura de cordel aparece destacado como uma das possibilidades de sustentação da existência disponíveis no momento. Em sua busca por algum sentido de presença na ordinariedade da vida instaurada pela pandemia, uma participante declara: “É um alívio estar aqui! Precisamos de mais poesia para dar conta desses dias tão difíceis e confusos” (Participante Cíntia).

Embora o recorte de gênero não tenha sido definido como eixo primordial de nossas análises, é inegável sua expressividade em se tratando das condições das experiências em curso que foram compartilhadas conosco. No caso das professoras, por exemplo, eram recorrentes as narrativas sobre o caráter extenuante que marcava suas tentativas de conciliar as atividades laborais e as práticas de cuidado da família e da casa, pelo que se sobressaía o atravessamento dos papéis e relações de gênero, e, portanto, a persistência, quando não a intensificação, de antigas assimetrias culturalmente fundadas. Elaboraões como a dessas mulheres reforçam o entendimento da pandemia como paisagem de reforço dos três modos de dominação principais destacados por Santos (2020), a saber: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, dimensões cuja operação e efeitos de poder dependem necessariamente das articulações existentes entre si. Nesse sentido, a pandemia foi o momento da atualização da precarização e da vulnerabilidade de corpos que, historicamente, foram instrumentalizados como meio de afirmação do logos depredatório de recursos e de vidas.

A abertura ao diálogo pretendido pela oficina não deixou de ser, assim, um movimento crítico e autoral em meio ao ritmo esmagador da pandemia, este último consubstancial a regimes seculares de organização do mundo pelos quais determinados corpos/pessoas têm sido privadas de recursos materiais, simbólicos, assim como violentados em suas experiências cognitivas e afetivas. Diante disso, não deixa de ser um ponto expressivo a participação predominante de mulheres num projeto em que se dialoga, precisamente, com um meio de expressão que foi, por muito tempo, reduto eminentemente masculino (Queiroz, 2006).

4.3 Produzindo as estrofes: traduções da vida cotidiana

Em se tratando do momento mais prático da oficina, expresso na escrita do livreto de cordel, destacamos alguns aspectos que se sobressaíram em meio aos

debates que fomentaram esta etapa. Primeiramente, chamou-nos a atenção a variabilidade das informações a cerca da pandemia trazidas pelos(as) participantes. Advindos de fontes igualmente diversas, tais conteúdos demandaram um trabalho consistente de contextualização, sobretudo em razão de se reproduzirem, por vezes, as chamadas *fake news*.

Assim, nessa etapa do trabalho vimos reincidir uma problemática marcante do cotidiano da pandemia, a qual já aludimos em tópico anterior, e que evidencia a fragilidade de um suporte institucional para o gerenciamento da crise. A falta de um maior rigor das diretrizes de determinados especialistas e autoridades terminava por potencializar a disseminação de informações inverídicas e danosas, agravando as dificuldades de enfrentamento da pandemia. Não raramente, foi necessário confrontar algumas dessas notícias equivocadas que os(as) alunos(as) da oficina pretendiam inserir em seu cordel, o que nem sempre se dava de forma confortável. Nos deparamos, portanto, com desencontros, complexidades e incompatibilidades a que fomos, contudo, mobilizados a abordar em coerência com as premissas dialógicas que nos motivaram ao desenvolvimento da oficina. Disso também resultou nosso reconhecimento da urgente tarefa de se aprofundar reflexões acerca das estratégias de desinformação que têm colonizado nossa realidade cotidiana, consonantes com projetos de esvaziamento dos debates públicos em benefício da supremacia dos modelos comunicacionais conduzidos por algoritmos e *big data*. Afinal, a experiência da pandemia foi diretamente impactada pelos desproporcionais efeitos desses fluxos comunicacionais entre os sujeitos, a depender de seus lugares sociais.

Nesse sentido, as divergências dos comentários que se projetavam, por exemplo, em torno da vacina, que até então ainda não havia sido criada, mas que já suscitava algumas narrativas de descredibilização por parte de alguns, nos mobilizaram a uma maior atenção aos discursos que se faziam circular pelas diversas fontes e que, em diferentes graus e sentidos, estavam sendo ali compartilhados. Assim, fazia-se sempre necessário um movimento de abertura para a variedade de sentidos comunicados por cada pessoa acerca de sua experiência da realidade.

Se considerarmos que, no momento da escrita deste texto, o Brasil assistia ao andamento da Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19, instalada no Senado Federal em abril de 2021, tendo como objeto de apuração as ações do governo no enfrentamento da pandemia – incluindo-se, aí, declarações proferidas por seus diversos membros –, temos pistas consistentes das disputas retóricas e epistemológicas que têm marcado a experiência nacional da crise sanitária e, sobretudo, do peso dos poderes constituídos sobre o destino dos nossos corpos e vidas.

Também Santos (2020) aponta para a vulnerabilidade das democracias às *fake news*, o que, segundo ele, vem problematizando a tendência, até então tida como espontânea, da menor letalidade das epidemias em países democráticos, devido à maior circulação de informação. Os diálogos estabelecidos ao longo da oficina nos mostraram que, de fato, temos um grande desafio quanto à condução das políticas de

vida em meio às disputas de narrativa orquestradas por projetos nefastos de disseminação de conteúdos. Ainda de acordo com o autor, é nos próprios instrumentos democráticos que poderemos vislumbrar saídas para tais dificuldades, pelo estímulo de estratégias “assentes na democracia participativa ao nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica orientada para a solidariedade e cooperação” (Santos, 2020, p. 7).

Ao acompanharmos os fatos expostos pelos trabalhos da comissão, pudemos rememorar o questionamento da veracidade de informações veiculadas por agentes do governo, as quais já estavam presentes nas narrativas de alguns participantes da oficina, o que sugere a força política da distribuição desses conteúdos. Por outro lado, os encontros também propiciaram posicionamentos críticos a tal realidade. A leitura da política nacional de enfrentamento da pandemia foi, nessa direção, um dos elementos mais presentes nos textos produzidos.

Por essa direção, compreendemos a relevância de os indivíduos se reconhecerem no protagonismo de suas perspectivas sobre o mundo onde atuam, construindo, em reciprocidade com o mesmo, interpretações e sentidos promissores de formas de vida mais dignas. Justamente porque ressoa e se constrói na relação com o mundo, a criação do cordel se consolida, para nós, como um desses veículos democráticos em que se vislumbra o pronunciamento de posições e respostas singulares diante da condição geral que nos assemelha: o fato de existirmos no momento histórico da pandemia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da atividade apresentada possibilitou a toda a equipe envolvida o reconhecimento de saberes práticos e consubstanciais aos engajamentos que se fizeram ao longo da ação de extensão. Nesse sentido, reconhecemo-nos, também, afetados pelo encontro com as vivências e leituras de mundo dos(as) nossos(as) interlocutores.

A respeito dos aprendizados que pudemos obter a partir dessas interações, gostaríamos de destacar, também, os que se deram do nosso diálogo com a Casa do Cordel Mulheres Cordelistas, cujo expressivo e incansável trabalho de organização e divulgação de saberes populares colaborou fortemente para a compreensão dos mecanismos apontados pelos referenciais teóricos aqui assumidos. Sendo assim, é de suma importância reconhecermos as ressonâncias das interfaces dessa instituição no mundo prático da vida, não obstante toda a sorte de obstáculos materiais e simbólicos impostos pelas nossas trajetórias históricas e suas lentes colonizadoras. Por isso, o lugar de nossas considerações finais é também o de agradecimento às experiências personificadas nas atividades deste espaço tão seriamente dedicado à educação e à cultura, âmbitos tão diretamente afetados pelas rupturas, mas, também, pelas reatualizações de antigos problemas dos nossos modos de vida expostas pela pandemia, conforme já sugerimos.

Ao fim, entendemos que os encontros realizados foram capazes de estimular leituras humanizadas das teorias. Como dito, a ecologia das experiências nos indicou pontos de percepção dos efeitos da colonização do mundo e, correlatamente, a colonização dos corpos, do meio ambiente, dos desejos, das expressões. Mas, por outro lado, o recurso criativo do cordel, ao situar-se como promotor das relações de reciprocidade, motivou-nos à ênfase nas nossas próprias articulações como caminho de criação e produção de sentidos, inclusive acerca do porvir.

De tal modo, os conhecimentos e saberes compartilhados obviamente não nos levaram à resolução da nebulosidade em que ainda nos encontramos, mas entendemos que, se há alguma esperança mínima em meio a desmontes de tantas ordens, ela provavelmente reside no nosso envolvimento com o mundo, que se traduzem nas nossas articulações uns-com-os-outros.

Como Santos (2020, p. 32) nos inspira a pensar, o cenário da pandemia nos convoca a novas articulações que, por sua vez, pressupõem “uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, econômicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta”. O pacto com essas viradas se expressa nitidamente ao longo da própria trajetória da arte do cordel, em que corpos e subjetividades então ausentes, e ou invisibilizados, reivindicam e assumem seus lugares de criação. Dessa forma, ele nos parece seguir em sua disposição a ser um recurso de reflexão e da renovação das nossas perspectivas e implicações políticas.

Os resultados da ação de extensão motivam-nos, assim, a reforçarmos a importância de um currículo contextualizado e interativo, engajado com um trabalho de imaginação capaz de confrontar modelos hegemônicos totalizantes de explicação da realidade. No bojo de propostas curriculares que valorizem a dilatação das experiências do presente (Santos, 2020) ao invés de sua redução, pode-se perceber a centralidade da educação em estimular os sujeitos a se reconhecerem como testemunhas do seu próprio tempo, e a traduzirem-se nas suas articulações com o mundo, na reciprocidade com os outros. Por fim, cabe reconhecer, ainda, que o momento desolador a que corresponde a pandemia, expressivo de uma variedade de afetos que vão desde o medo e a tristeza do luto, pode ser igualmente a ocasião para refletirmos acerca dos nossos atuais regimes sensoriais, que também se configuram em processos educativos que ora nos impelem, ora nos levam a inibir determinados modos de sentir e de se expressar o sentido. Nesses mesmos termos, é de fundamental importância compreendermos os mecanismos de nossas redes de afeto e seus impactos nos modos de enfrentamento do cenário em questão, bem como em nossa sensibilização ante as experiências uns-com-os-outros. O lugar do afeto e do sensível, enquanto eixo dos horizontes civilizatórios, pode ser, afinal, tematizado pela perspectiva de uma educação para a criatividade.

Ao situarmos a possibilidade criativa do cordel como um recurso de leitura e de expressão da realidade, foi possível vislumbrar, então, um caminho de questionamento de visões unívocas. Ao dizerem da organização de seus afetos e rotinas,

compartilhando os registros dos saberes e significados aprendidos a partir das suas experiências, nossos(as) interlocutores nos ampliam os sentidos da ecologia de saberes (Santos, 2007) que norteou nossa proposta de trabalho. Tudo isso nos motiva, ainda, ao entendimento das dinâmicas afetivas a que nossas estruturas curriculares têm atendido: pensar sobre a condução das sensibilidades e afetações nesse momento exige, afinal, posicionamentos reflexionantes diante dos sentidos a que somos levados a atribuir ao mundo e, mais ainda, ante os resíduos de uma educação colonialista que insiste em revestir de caráter monologal nossa percepção da realidade. A produção dos livretos pode colaborar, assim, na catalisação de uma proposta didático-pedagógica atenta ao que somos capazes de apreender, registrar e elaborar diante das descontinuidades da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), pelas bolsas de estudos concedidas por meio do Programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA). Agradecemos ao discente e bolsista de extensão Paulo Henrique Magalhaes da Silva, pela mediação na ação de extensão que deu base a este artigo. Agradecemos, ainda, ao professor Bruno César Cavalcanti, do Laboratório da Cidade e do Contemporâneo (LACC/UFAL), pela revisão ortográfica e gramatical, assim como pelos comentários interessantes feitos sobre este trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. C. de A. **A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de saberes**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4838>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- CASTRO, G. *et al.* **Versos para além dos metros quadrados**. Petrolina: Cordelaria Castro, 2020.
- CAVIGNAC, J. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**. 2. ed. Natal: Editora da UFRN, 2006.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- IPHAN. **Literatura de cordel agora é patrimônio cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4819>. Acesso em: 11 jan. 2025.

JAHN, L. P. **A literatura de cordel no século XXI: novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32886>. Acesso em: 25 mar. 2025.

NOGUEIRA, A. G. R. Literatura de Cordel: folclore, coleção e patrimônio imaterial.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 72, p. 262-275, 2019. DOI 10.11606/issn.2316-901X.v0i72p262-275. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/rieb/article/view/157106>. Acesso em: 1 mar. 2025.

PINHEIRO, M. A; MÉLO, R. de S. Diários de confinamento: a emergência do novo na intimidade na relação eu-outro-mundo. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-19, 2020. DOI 10.1590/1807-0310/2020v32240282. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/xXTVfH6hVNrp8tB3wbGXjBk/?lang=pt>. Acesso em: 19 de out. 2025.

QUEIROZ, D. A. de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de Cordel**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEK7J>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Edições Almedina, 2020. E-book. Disponível em: <https://www.ceied.ulusofona.pt/pt/download/boaventura-santos-a-cruel-pedagogia-do-virus/>.

Acesso em: 1 mar. 2025.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007. DOI 10.1590/S0101-33002007000300004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt>. Acesso em: 1 mar. 2025.

Contribuição dos(as) autores(as)

Roberta de Sousa Mélo – Coordenou o projeto de extensão, realizou a análise dos dados e contribuiu com a escrita do artigo.

Rafael De Oliveira Rodrigues – Colaborou com o projeto de extensão, realizou o tratamento dos dados para análise e contribuiu com a escrita do artigo.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo “O vírus e o verso: a literatura de cordel como material didático para produção de conhecimento sobre a COVID-19”.

Disponibilidade de Dados

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão disponíveis no artigo.

Revisão Gramatical por:

Bruno César Cavalcanti

E-mail: bruno.cavalcanti@ics.ufal.br